



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



A guerra do fim do mundo chega ao Brasil: interpretações e disputas de memória em torno de Antônio Conselheiro e Canudos¹

Leonardo Guimarães Leite
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em
História Regional e Local UNEB- Campus V.
Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email:
caloleo@bol.com.br

RESUMO: Nosso objetivo neste suscinto trabalho é identificar como se deu o debate sobre a memória de Belo Monte, Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos, a partir da publicação do romance *A guerra do fim do mundo*, do escritor peruano Mario Vargas Llosa, e sua recepção no contexto baiano e nacional. Intentamos entender as causas e os fundamentos do debate que se travou entre o romancista peruano, com alguns estudiosos marxistas da década de 1970 e 1980, sobretudo, o jornalista e cientista social Edmundo Muniz, bem como, sua relevância para uma compreensão mais inteligível de como se configura a disputa de interpretações e memória de um fato histórico. Utilizaremos como fontes, obras literárias e historiográficas, jornais, entrevistas e artigos de revistas.

PALAVRAS-CHAVE: Canudos, memória, Vargas Llosa, Edmundo Moniz.

No dia 13 de Março de 1830, nasceu na Vila do Campo Maior de Quixeramobim, Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido nos sertões nordestinos e na história como Antônio Conselheiro, o líder, e principal personagem do arraial de Belo Monte, comunidade sertaneja que em confronto com o exército brasileiro, protagonizou um dos episódios mais dramáticos e significativos da história republicana brasileira.

Ao longo destes 180 anos de seu nascimento, bem como, os mais de cem anos passados desde

¹ Esse artigo é parte da pesquisa que está sendo realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local UNEB- Campus V, intitulada “*De Euclides a Vargas Llosa: um estudo sobre as representações de Antônio Conselheiro na literatura*”, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira, e que pretendemos inserir no corpo de um capítulo onde problematizaremos a recepção da obra de Vargas Llosa no Brasil.

o final da Guerra de Canudos, as imagens e representações de Conselheiro variaram, logicamente, dependendo de quem se propôs a escrever, falar ou lembrar sobre essa figura tão significativa, para entendermos um dos fatos mais estudados da historiografia brasileira. Com isso, sua imagem ao longo dos anos teve variadas caracterizações: louco, monarquista, fanático, grande homem aos avessos, gnóstico bronco, líder de uma turba de degenerados, revolucionário socialista, e até mesmo a de santo.

Sem dúvida, Euclides da Cunha foi um dos principais intérpretes da Guerra de Canudos (1896-1897), e como não poderia deixar de ser, através de sua principal obra, *Os Sertões* (1902), contribuiu fortemente para a construção de uma imagem de Conselheiro que se cristalizou por muito tempo. José Calasans, importante estudioso canudense, chega a afirmar que a interpretação de Euclides, prendeu a história de Canudos em uma “gaiola de ouro”.

No início da década de 1970, depois de conhecer a obra-mestra de Euclides da Cunha, o escritor peruano, Mario Vargas Llosa, a partir de um roteiro de filme que não chega a se concretizar, decidiu dar início a um projeto de escrita de um romance, sobre a Guerra de Canudos. Deste modo, em 1981 foi lançado *La guerra del fin del mundo*, um livro que se pretendia, além de recontar uma história que já havia sido contada de várias maneiras, e de variados pontos de vista, reescrever um dos maiores clássicos da literatura brasileira: *Os Sertões*. Com isso, *A guerra do fim mundo: a saga de Antônio Conselheiro na maior aventura literária da nossa época* (título da tradução para o português) tornou-se um sucesso de crítica e venda, não somente no Brasil, como em outras partes do mundo.

Contudo, a recepção da obra de Vargas Llosa não foi só marcada por elogios, e com isso, recebeu contundentes críticas, principalmente de intelectuais brasileiros ligados ao pensamento marxista das décadas de 1970 e 1980, sobretudo, Edmundo Moniz, importante jornalista, historiador e militante baiano, que escreveu importantes obras sobre a Guerra de Canudos. Em 1982, logo no prefácio de seu livro *Canudos: a luta pela terra*, Moniz deixou explícito que a reedição de sua obra tornou-se mais necessária do que nunca, principalmente, depois da publicação do livro de Vargas Llosa sobre a Guerra de Canudos, considerado por ele como uma das “maiores falsificações de todos os tempos”.²

Nosso objetivo neste suscinto trabalho, é identificar como se deu o debate sobre a memória de Belo Monte, Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos, a partir da publicação da obra de Vargas Llosa, *A guerra do fim do mundo*, e sua posterior leitura pelos estudiosos marxistas brasileiros, principalmente, Edmundo Moniz, tentando entender as causas e os fundamentos

² Ver MONIZ, Edmundo. *Canudos: a luta pela terra*. 9ªed- São Paulo: Global, 2001. p.13.

deste debate, bem como sua relevância para uma compreensão mais inteligível de como se configura a disputa de interpretações e memória de um fato histórico.

A reescrita de um clássico

Mario Vargas Llosa nasceu na cidade de Arequipa no Peru, em 1936, sendo considerado na atualidade como um dos maiores escritores latino-americanos, é ainda jornalista, ensaísta, dramaturgo, crítico literário, além de ter sido professor de literatura, atividade que exerceu por muitos anos, em diversas universidades norte-americanas e europeias. Com formação intelectual basicamente construída a partir de seu exílio voluntário para Europa de dezesseis anos (1958-1974), publicou várias obras, a maioria constituindo sucesso de crítica e venda, inclusive no Brasil, a exemplo de *A casa verde*, *Conversas na Catedral*, *Pantaleão e as visitantes* e *o Falador*.³

Em meados da década de 1970, Vargas Llosa é convidado pela Paramount de Paris para ser roteirista de um filme que seria dirigido pelo cineasta moçambicano Ruy Guerra- um dos grandes expoentes do Cinema Novo- sobre a história de um acontecimento, que tivesse alguma ligação com a polêmica Guerra de Canudos, que se desenrolou no sertão da Bahia no final do século XIX, e que até aquele momento, era desconhecido pelo escritor peruano. O filme acaba não se concretizando⁴, apesar de uma pré-produção, já bem encaminhada- se chamaria *La guerra particular* ou *Los papeles del inferno*-, mas, completamente “enfeitiçado” pela temática da Guerra de Canudos e pela leitura de *Os Sertões*, Vargas Llosa continuou pesquisando e estudando sobre o tema, e decidiu escrever um livro sobre esse acontecimento que ao longo dos anos sofreu várias interpretações de diferenciados grupos e indivíduos

(...) Bem, eu escrevi primeiro um roteiro de cinema, de um filme que não se chegou a fazer por essas coisas que acontecem no cinema. O projeto chegou a estar muito avançado, já com uma pré-produção encaminhada e um belo dia a Paramount resolveu que o filme não iria ser feito, e ele não foi. Para Ruy Guerra foi uma desgraça, mas para mim... Eu fiquei com a possibilidade de continuar trabalhando em algo que me apaixonara, mas que, ao final, havia resultado numa coisa muito limitada- porque um roteiro é uma coisa muito pequenina. Então comecei lendo e me documentando, e realmente cheguei a me apaixonar de uma forma como poucas vezes me ocorreu com um livro.⁵

³ Vargas Llosa publicou dezenas de obras, englobando ficção, ensaios e teatro, sendo vencedor de vários prêmios ao longo de sua carreira de escritor. Para citar apenas dois, ganhou o Prêmio Cervantes (1994), e foi o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura (2010) “*por sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas sobre a resistência, revolta e derrota individual*”. Ver site <http://oglobo.globo.com/cultura/mario-vargas-llosa-ganha-nobel-de-literatura-2942885>, último acesso 20/12/2011.

⁴ Importante ressaltar que até hoje existe ainda uma grande mágoa por parte de Ruy Guerra, em relação à pessoa de Vargas Llosa e ao filme que não é finalizado. Ver http://www.istoe.com.br/reportagens/6877_CARIOCA+POR+OPCAO?pathImagens=&path=&actualArea=inter nalPage. Último acesso 19/12/2011.

⁵ Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.39-40.

No ano de 1979, entre os meses de Agosto e Setembro, na companhia de Renato Ferraz - antropólogo e um grande conhecedor do sertão baiano- Vargas Llosa, percorrendo o interior da Bahia e de Sergipe, seguiu as pegadas e o rastro por onde o Conselheiro havia passado, a cerca de cem anos atrás. O escritor peruano chega a relatar na entrevista citada acima, que visitou cerca de vinte e cinco povoados onde Conselheiro esteve (onde realizou diversas entrevistas), e que esta viagem foi definitiva para dar prosseguimento ao processo de escrita seu romance

(...) Você não sabe o que foi para mim chegar ali perto onde foi o cenário da grande batalha da guerra, onde está a cruz que ficava na igreja de Canudos. (...) Você não sabe o que foi para mim chegar ali. Eu estava há dois anos trabalhando nisso, e era como se minha fantasia se estivesse materializando. Até ali, o trabalho de escrever tinha sido angustiante. Mas dali até terminar o livro, que foram mais dois anos, trabalhei com um enorme entusiasmo, dez, doze horas por dia.⁶

Nesse mesmo ano, o jornal *A Tarde* do dia 6 de Setembro, publicou uma matéria sobre Vargas Llosa e a produção de seu romance intitulada *Vargas Llosa poderá lançar na Bahia seu livro sobre Canudos*⁷. Este artigo revela detalhes interessantes da passagem de Vargas Llosa pela Bahia, e revela-se de suma importância, para entendermos alguns aspectos da elaboração de seu romance sobre Canudos. Essa matéria explicita, que no ano de 1979, Vargas Llosa, já tinha um copião de 900 páginas, e que sua visita à Bahia depois de dois anos de estudos e elaboração de *A guerra do fim do mundo*, contribuiu muito, para lhe dar mais segurança ao escrever a redação final do livro

De qualquer modo, achei de suma importância vir à Bahia para me integrar no ambiente histórico, físico e social de Canudos. Não que seja um livro histórico, longe disso, mas quero me situar, me sentir seguro quando estiver fazendo a redação final do romance em torno de Antônio Conselheiro.⁸

Nessa entrevista concedida ao periódico baiano, mesmo Vargas Llosa afirmando, que não queria escrever um “livro histórico”, e que não tinha nenhum compromisso com a verdade nesse projeto, antes, sua intenção era mesmo inventar, mentir - ideia que ele repete em todas as suas entrevistas e falas quando refere-se *A guerra do fim do mundo*- seu procedimento metodológico, muito se aproxima ao do historiador.

Apesar de até se cogitar a publicação de *La guerra del fim del mundo* na Bahia, como está estampado na matéria do jornal *A Tarde*, exposta acima, seu livro é lançado em 1981, na

⁶ Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. 1986. p.42-43.

⁷ *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

⁸ *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

cidade de Barcelona⁹, depois de anos de uma exaustiva investigação documental, leitura bibliográfica, e até visita aos lugares por onde Antônio Conselheiro passou durante sua peregrinação pelo nordeste brasileiro. Essa obra foi considerada pelo próprio autor na época, como sua melhor obra, e a mais trabalhosa até aquele momento.

Sobre esse romance, o jornal *Herald Tribune*, um dos mais influentes da Europa, publicou em 1981, a seguinte nota: “*é ao mesmo tempo, um grande trabalho literário, uma história de aventura e um drama histórico*”, revelando em parte a opinião pública internacional sobre seu trabalho.

No lançamento de *A guerra do fim do mundo* no Brasil, em novembro do referido ano, mais uma vez a obra de Vargas Llosa é recebida com muitos louvores, e chega a ganhar destaque, com uma matéria publicada pela *Revista Veja* intitulada “*Canudos renasce com A guerra do fim do mundo*”¹⁰. Neste escrito são explicadas questões interessantes sobre a produção de seu romance, como seu contato com o cineasta Ruy Guerra, e o financiamento recebido por duas instituições norte-americanas -*Tinker* e o *Wilson Center*- o que lhe iria auxiliar a recontar a história de Canudos.

Esse patrocínio da Fundação Wilson, instituição americana que financiava pesquisas todas as áreas do conhecimento, forneceu a Vargas Llosa, as condições materiais necessárias, para o desenvolvimento e término de seu livro, uma espécie de mecenato, onde o escritor peruano contou com várias regalias (alimentação, moradia, e até uma secretária para lhe auxiliar). Neste ambiente, Vargas Llosa passou todo o ano de 1980 pesquisando sobre o tema, inclusive, tendo acesso a fontes raríssimas, como é o caso de um jornal polêmico no contexto da guerra, *O Jacobino*, encontrado na Biblioteca do Congresso em Washington à sua coleção completa. De acordo com a entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, de Setembro de 1979, a única exigência da Fundação Wilson aos seus financiados, era “*acrescentarem uma etapa nova dentro das diversas áreas de cada produção*”.¹¹

Mas, voltando à recepção do romance de Vargas Llosa no Brasil,¹² a matéria *Canudos Renasce com A guerra do fim do mundo*, publicada pela *Revista Veja*, no ano de 1981, retrata também a mudança de concepção política de Vargas Llosa, que variou desde o apoio a Revolução Cubana de 1959, até a sua defesa a ditadura peruana (1968-1980) de Juan Velasco

⁹ A ideia do lançamento internacional de *La guerra del fin del mundo* na Bahia, parece ter animado alguns intelectuais baianos, como o historiador Cid Teixeira. Todavia, essa ideia foi capitaneada e tudo indica que seria financiado pelo banqueiro e escritor Antônio Celestino, que havia se tornado amigo de Vargas Llosa. Ver *Jornal A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

¹⁰ *Canudos renasce com “A Guerra do Fim Mundo”*. *Veja*, São Paulo, n. 688, p. 84-92, 11 de nov. 1981.

¹¹ *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

¹² Outra matéria que retrata também a aceitação positiva do romance de Vargas Llosa, em terras brasileiras, pode ser encontrada no *Jornal A tarde* de 18 de Julho de 1982, intitulada “*Vargas Llosa e Canudos*” de autoria de Edio Souza, “*sem sombra de dúvida, uma obra-prima, da literatura das Américas*”.

Alvarado, e sua posterior crítica e desligamento a ambos os governos acima, devido, principalmente, a supressão da liberdade de expressão, um dos temas mais discutidos por Vargas Llosa em seus romances, que tem como cenários a América do Sul.

Para Vargas Llosa, escrever sobre um tema tão caro à história brasileira configurou-se em uma tarefa árdua, bastante complicada e até temerosa. Na construção de *A guerra do fim do mundo*, considerada pelo próprio autor como sua melhor obra, uma de suas maiores dificuldades foi recontar uma história, que já havia sido contada várias vezes, e de diversas maneiras. Contudo, essa nova tarefa, tinha um significado especial para Vargas Llosa: escrever um romance que já planejava desde o início da sua empreitada como escritor: “*um romance de aventuras, em que a aventura fosse o principal- não a aventura puramente imaginária, mas com raízes muito fortes numa problemática histórica e social*”.¹³

Esse empreendimento significou ainda, como já foi falado, quatro anos de estudos, no qual ele teve que ler documentos históricos e uma centena de trabalhos realizados sobre o tema, além de se debruçar, sobre um dos maiores clássicos da literatura brasileira: *Os Sertões*. Segundo o próprio Vargas Llosa, a leitura do “livro vingador” de Euclides, provocou-lhe uma grande emoção - só comparada à leitura de *Os três Mosqueteiros* na infância, e *Guerra e Paz* e *Madame Bovary* na fase adulta-, pois ele via naquele livro entre outros elementos, uma espécie de síntese da história da América Latina

é como um manual de latino-americanismo, quer dizer neste livro se descobre primeiro o que não é América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas, e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E de tudo isso resultou algo que muitos poucos livros antes de *Os sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário.¹⁴

Outra importância da leitura de *Os Sertões*, para o intelectual peruano, foi o exemplo da concretude da escrita de um *romance total*¹⁵, sua grande obsessão enquanto literato. Segundo Gutiérrez, não conseguindo escrever o livro fundacional da história peruana, escreve o brasileiro, querendo representar com isso, a história do continente.¹⁶

Na estética literária vargalhosiana, faz-se presente a tentativa de recriar grandes painéis da sociedade, herança dos escritores do século XIX, como Balzac (1799-1850), Dostoiévski

¹³ Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. 1986. p.37.

¹⁴ Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. 1986. p.39.

¹⁵ Ver LEITE, Leonardo G. *A escrita e a reescrita do romance total da América Latina: De Os Sertões a guerra do fim do mundo*. In: PIRES, Antônio L. C. S; CARDOSO, Lucileide C; PEREIRA, Nuno G. (Org). *Nas Margens do tempo: Histórias em construção*. Curitiba: Progressiva, 2010, v., p.321-336. Nesse artigo discuto melhor as motivações e significados da ambição de reescrita de *Os sertões*, realizada por Mario Vargas Llosa.

¹⁶ Ver GUTIÉRREZ, Ângela. R. M. de. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Fortaleza: Sette Letras, 1996. p. 201.

(1821-1881), Tolstoi (1828-1910), Flaubert (1821-1880) e Vitor Hugo (1802-1885). É o que realiza na obra *A guerra no fim do mundo*, onde o escritor peruano tenta esboçar um panorama geral do Brasil no final do século XIX, focalizando as realidades tanto do sertão, como da capital do Estado da Bahia, através de seus vários personagens (cerca de 30) e do recurso ao discurso polifônico; enfocando, principalmente, as lutas políticas que estavam sendo travadas como pano de fundo da guerra. Na tentativa de narrar à história a partir de vários pontos de vista, causando o efeito enigmático, ambíguo e misterioso, que mostra a complexidade de um determinado fato ou assunto, que Vargas Llosa se aproxima dos escritos de William Faulkner (1897-1962).

Em *A guerra do fim o mundo* a narração da história, é realizada a partir de vários pontos de vista destacando-se três: os fictícios Galileu Gall - o frenólogo anarquista estrangeiro que se desloca para o sertão baiano em busca de uma comunidade socialista-, Barão de Canabrava - que expressa uma visão bastante lúcida dos acontecimentos, apesar, de ser um representante dos latifundiários baianos-, e do Jornalista míope – correspondente de um jornal da Bahia que acompanha a guerra a partir da expedição de Moreira César, e que após a guerra, decide escrever um livro sobre o acontecido, e que faz um dos papéis de personagens-escritores de Vargas Llosa, representando desta forma, não só Euclides, como ele próprio.

Todavia, o ponto central que permeia *A guerra do fim do mundo* é a retomada da problemática norteadora do livro de Euclides: a dicotomia existente entre civilização e barbárie, que permanece na América Latina até os dias atuais, segundo Vargas Llosa, e onde a questão do fanatismo¹⁷, tem um lugar de destaque. Para o escritor peruano, a obra de Euclides revela-se um manual de latino-americanismo na medida em que mostra a difícil convivência de culturas distintas no mesmo território. Vem daí sua definição de “cultura hermafrodita” quando se refere à cultura latino-americana.

Outro objetivo de Vargas Llosa ao evidenciar a questão civilização X barbárie no Brasil do século XIX, - momento em que o país passava por um grande processo modernizador-, era chamar a atenção de alguma forma, para o fato de que o Peru e algumas regiões da América Latina do final do século XX precisavam passar por esse processo de modernização. Por isso, seu retorno ao Peru em 1974 e sua posterior candidatura à presidência em 1990, portando o

¹⁷ Sobre o lugar do fanatismo na obra *A guerra do fim do mundo*, não poderemos nos deter com mais profundidade nesse artigo, mas, é importante ressaltar, que Vargas Llosa entende o fanatismo como elemento característico não somente de Antônio Conselheiro e seus seguidores de Belo Monte, mas, de outros personagens como Moreira César e Galileu Gall. Cada personagem representa um tipo específico de fanatismo: Antônio Conselheiro (fanatismo religioso), Moreira César (fanatismo pelos ideais republicanos), Galileu Gall (fanatismo pelas ideias socialistas). Ver FERNANDES, Rinaldo de. *Os Sertões na leitura de Mario Vargas Llosa: Quatro personagens de La guerra del fin del mundo*. In: O Clarin e a oração: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p.411-437.

discurso de transformar o seu país em uma potência industrial, não se configura como surpresa e reforça nossa hipótese. Por isso, ao lermos a obra de Vargas Llosa não podemos ser ingênuos e acreditar, que esse autor utiliza a dicotomia civilização\barbárie, como um empréstimo *ipsis litteris* do escrito euclidiano.

Devemos ressaltar ainda, que a obra de Vargas Llosa não foi só recebida com elogios, louvores e aplausos. Muitas críticas foram tecidas no Brasil para *A guerra do fim do mundo*, principalmente, provenientes de historiadores marxistas especialistas na história de Canudos, como Edmundo Moniz. Quais foram essas críticas, e como ocorreu sua repercussão na historiografia brasileira?

Crítica artística, ideológica ou historiográfica?

A partir do final da década de 1960, os estudos sobre Belo Monte\Canudos, construído por intelectuais de esquerda se intensificam significativamente, não somente em número mais em qualidade. A interpretação de Belo Monte\Canudos, passa a ser vista, de uma forma oposta, em relação à maioria dos trabalhos. Ao invés de um bando de “fanáticos” e “bandidos”, os camponeses, passam a ser entendidos como “heróis” sociais, que lutavam contra a classe dominante- o governo e o Estado. Com isso, eles se tornam um modelo possível de uma sociedade socialista brasileira no futuro. Para esses intelectuais de esquerda, Belo Monte\Canudos teve uma importância ímpar na história do Brasil, pois, houve ali uma possibilidade concreta da materialização de uma sociedade igualitária, aonde o privado deixaria de existir, e o comunismo prevaleceria.

Uma obra de fundamental relevância para exemplificarmos essas posições, foi produzida pelo historiador Edmundo Moniz, *Guerra social de Canudos* (1978), aonde o autor enfoca o contexto político, regional e nacional que se originou a guerra. Merece destaque também, outra obra de Moniz *Canudos: a luta pela terra* (1980), onde é retratado de forma enfática, que o principal fator que impulsionador da guerra foi à luta pela terra. Canudos é visto não como um movimento anti-republicano, mas sim, como uma comunidade que lutou contra a desigualdade, que estava representada de forma mais concreta nos latifúndios. Nessa análise, a figura de Antônio Conselheiro, que era na maioria das vezes associado ao fanatismo e ao misticismo, é transformada no estereótipo do líder revolucionário, defensor dos pobres e oprimidos do sistema vigente.

No ano de 1982, outro livro Moniz é reeditado, *Canudos: a luta pela terra*, e logo no prefácio, este dispara uma série de críticas para o livro *A guerra do fim do mundo*. A primeira refere-se à estética literária da obra de Vargas Llosa, considerada por Moniz, como enfadonha,

monótona e tendenciosa. Outro ponto levantado como incorreto em *A guerra do fim do mundo* na opinião de Moniz, diz respeito, à descrição de alguns fatos históricos. A principal incoerência identificada seria a representação de Belo Monte como um arraial monarquista. Para Moniz, essa imagem é falsa, já que Conselheiro e seu séquito foram perseguidos tanto pelo governo monárquico, quanto pelo republicano.

Como já foi falado acima, Moniz, entende que o movimento liderado por Conselheiro, tinha como objetivo central a luta pela terra, um bem que era privilégio de poucos, desde a colonização, e que representava naquele momento, um dos principais instrumentos de opressão e exclusão social, por parte das classes dominantes. Moniz entende que se a burguesia tivesse implementado a reforma agrária, e completado o que ele denomina *revolução democrática burguesa*, não haveria Belo Monte.

Moniz completa sua crítica à obra de Vargas Llosa, afirmando que o escritor peruano se posiciona equivocadamente em relação à Guerra de Canudos, principalmente, quando reproduz a primeira interpretação de Canudos elaborada por Euclides da Cunha, ou seja, aquela que entendia o movimento conselherista como monarquista. Esta visão, deduzida por Euclides antes de partir para o arraial sertanejo é desfeita quando o correspondente de *O Estado de São Paulo* chega a Belo Monte e percebe outra realidade, em outras palavras, que tanto a república quanto a monarquia, eram abstrações difíceis de ser compreendidas pelos sertanejos, devido a isso, o monarquismo não pode ser compreendido como fator impulsionador do movimento conselherista, mas, também não podemos negligenciar o seu caráter anti-republicano, já que o Conselheiro, entendia que a Proclamação da República (1889) havia trazido muitos males para o povo do sertão, como a cobrança de impostos, o casamento civil.

Mesmo Vargas Llosa, afirmando desde o início do projeto de seu romance de que não pretendia escrever uma obra de cunho histórico, de acordo com Moniz, isso “em nada o absolve”, pois até

o romance histórico tem os seus limites assim como a ficção nos romances desta natureza. Com toda a sua prodigiosa imaginação, Victor Hugo não poderia dizer que o marechal Ney morreu na Batalha de Waterloo nem Tólstoi apresentar Kutusov como um ex-assaltante de estrada.¹⁸

Essas críticas tecidas a Vargas Llosa, e seu romance sobre a Guerra de Canudos, podem ser encontradas também, e até com maior riqueza de detalhes, num artigo escrito por Moniz, ainda no ano de 1982 na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. No artigo intitulado

¹⁸ Ver MONIZ, Edmundo. *Canudos: a luta pela terra*. 2001. p.13.

*Canudos: o suicídio literário de Vargas Llosa*¹⁹, escrito, ao que tudo indica antes do prefácio do livro *Canudos: a luta pela terra*, Moniz dispara um arsenal de críticas ao romance *A guerra do fim do mundo*.

Inicialmente, Moniz explicita sua indignação ao fato de que a imagem de Antônio Conselheiro ao longo dos anos, tenha sido marcada por uma falsa concepção de “*fanático, perturbado mental e chefe de bandidos*”, realizada segundo ele, por estudiosos que não se debruçaram nas fontes, e repetiram de forma acrítica, esses estereótipos. Nessa primeira parte do artigo, o jornalista e historiador baiano propõem-se a realizar uma biografia do Conselheiro, dividida na sua maneira de ver em três fases: “1) *pregação e aliciamento dos camponeses, que é o de sua andança pelo Nordeste*; 2) *fundação de Canudos e estabelecimento de uma comunidade igualitária*; 3) *guerra e resistência de uma cidade atacada pelas tropas governamentais*”.²⁰ Moniz após isso, explica o funcionamento do arraial (para ele habitado por 25.000 pessoas), e relaciona à Guerra de Canudos, a revolução democrática burguesa, que como já explicamos, é entendida como incompleta, já que a burguesia, juntamente com o exército e a classe média, acabaram com a escravidão em 1888, tomaram o poder político depondo a monarquia em 1889, mas, não implementou a reforma agrária e a extinção dos latifúndios.

Quando se refere ao romance *A guerra do fim do mundo*, Moniz, critica²¹ desde o estilo utilizado na escrita do livro (realista), que não alcança os objetivos almejados segundo ele, perpassando por detalhes estéticos, e enfatizando os diversos “erros” cometidos pelo escritor peruano

Vargas Llosa emprega a técnica realista para escrever *A guerra do fim do mundo*. Não há nenhuma originalidade no estilo. O livro se desenrola monotonamente, sem que se note qualquer coisa que realmente impressione. As cenas de violência parecem falsas e caricaturais, sem atingir a dramaticidade que deveriam ter. Chegam, por vezes, ser ridículas pela falta de vida, pela impossibilidade de dar-lhes um sentido verossímil. (...) Vargas Llosa poderá dizer que não pretendia escrever um livro de história e sim um romance tendo, portanto, a permissão de dar asas à sua fantasia pessoal. Mas os romances históricos têm seus limites intransponíveis e, por isso mesmo, são romances históricos. Trata-se de harmonizar ficção com a história. Os diálogos, por exemplo, em sua maioria, têm

¹⁹ Ver MONIZ, Edmundo. *Canudos: o suicídio literário de Vargas Llosa*. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

²⁰ Ver MONIZ, Edmundo. *Canudos: o suicídio literário de Vargas Llosa*, 1982, p.9.

²¹ Outro estudioso que tece críticas a obra de Vargas Llosa, é Luiz Alberto Moniz Bandeira, que considerou em um artigo produzido em 1996, e dedicado a memória de Edmundo Moniz que *A guerra do fim do mundo* configura-se como “*historicamente incorreto, literariamente ruim e que, ao contrário de Os sertões de Euclides da Cunha, obra patética, é uma patética, cujos personagens, a cercarem Antônio Conselheiro são criaturas abjectas, aberrações humanas, físicas ou morais*”. Ver BANDEIRA, Alberto Luiz Moniz. *O sentido social e o contexto político da Guerra de Canudos*. Site acessado [HTTP://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/](http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/) Moniz_05. Pdf. p.10.

fatalmente de ser imaginários; mas os fatos históricos devem ser respeitados em seus fundamentos.²²

Em resposta a esses posicionamentos de Edmundo Moniz, Vargas Llosa responde em entrevista concedida a Ricardo A. Setti, que as críticas a sua obra transcenderam a literatura, e se tornaram ideológicas. Vargas Llosa, completa afirmando de forma irônica, que a obra de Moniz *Guerra Social de Canudos*, foi de muita utilidade na construção do seu romance, por constar elementos ficcionais que ajudaram no processo de criação literária

Não creio que seja um livro muito científico. Sua tese, sua interpretação de Canudos, na qual o Conselheiro aparece como o Lênin do sertão, é talvez mais novelesca do que minha própria novela... Ele [Moniz] chega a dizer coisas tão imaginativas como que Canudos vivia da exportação de couros e lãs para a Europa, que chegou a estabelecer-se, ali, uma infra-estrutura que permitiu a essa sociedade revolucionária exportar para a Europa. Bom, não existe nenhum, o mais mínimo documento para provar isso.²³

Outra resposta de Vargas Llosa a esses posicionamentos seria a afirmação de que talvez a história da Guerra de Canudos nunca seria descoberta na sua totalidade, justamente, por estar escondida através de uma “cortina de fumaça” que esconde a realidade e “*que têm mais a ver com o que foi a evolução do Brasil desde então, do que com o próprio fato histórico*”²⁴ (SETTI, 1986, p.44).

Considerações finais: a disputa da memória

Peter Burke, explica que a utilização do processo de exclusão e repressão de um fato histórico, deve passar pelos seguintes questionamentos: *quem quer que esqueça o que e por que?*²⁵. O mesmo, podemos dizer do processo de lembrança de um fato, mas, a pergunta que se deve fazer é *quem quer que lembre o que e por que?* Na discussão historiográfica atual sobre a questão da memória, não podemos nos esquecer segundo Burke, que elas são produtos de grupos sociais, por isso tem determinados interesses ideológicos, políticos, sociais. Devido a isso, é que Burke chama atenção para os estudos do sociólogo, Maurice Halbwachs, que desenvolveu o conceito de “estrutura social da memória”, sem querer afirmar com isso, que os indivíduos do mesmo grupo recordam da mesma forma, pois, a memória, ao mesmo tempo em que é coletiva, também é individual. “*A memória é uma construção psíquica e intelectual*

²² Ver MONIZ, Edmundo. *Canudos: o suicídio literário de Mario Vargas Llosa*. p.15.

²³ Ver SETTI, Ricardo. *Conversas com Vargas Llosa*. 1986. p.44.

²⁴ Ver SETTI, Ricardo. *Conversas com Vargas Llosa*. 1986. p.44.

²⁵ BURKE, Peter. *Variedades de História cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 85-86.

que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente daquele indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional".²⁶

Neste debate entre Vargas Llosa e Moniz, podemos perceber claramente uma disputa de memória em torno da História de Canudos. Ambos são representantes de determinados grupos, que tem interesses distintos ao retratar esse episódio. Moniz é um cientista social que foi vinculado ao pensamento marxista-trotskista, sendo um dos diretores da *Vanguarda Socialista* entre os anos de 1946-1946, grupo fundado por Mario Pedrosa em 1945, e extinto em 1948. Este grupo reunia indivíduos de variadas matrizes de esquerda, (trotskistas, dissidentes do Partido Comunista e intelectuais socialistas), sem filiação partidária e que objetivava o desenvolvimento de um trabalho de crítica e formação de um movimento revolucionário, que se distanciava das ideias stalinistas. Moniz foi colaborador ainda, de diversas publicações em jornais e revistas como "*A Esquerda*", "*A Batalha*", "*Diário da Bahia*", "*Correio da Manhã*". Em 1968, foi exilado, passando pelo México e pela Argélia, mas, cumprindo exílio em Paris, regressando ao país em 1976.

Nesse sentido, ao resgatar a história deste evento, Moniz, tinha o objetivo de mostrá-lo como o maior movimento camponês do Brasil, –comparada ao movimento zapatista no México- que reivindicava como a sua principal bandeira, a reforma agrária. Não podemos nos esquecer ainda, que quando Moniz escreve *Guerra Social de Canudos* ele vive um contexto de ditadura militar, ou seja, a busca de referenciais históricos que contestaram a ordem vigente, e apontaram um caminho alternativo baseado em uma espécie de socialismo, como Antônio Conselheiro, era uma forma de criticar o regime militar, e apontar de alguma maneira, o socialismo de cunho marxista, como um caminho coerente para o Brasil do final da década de 1970, que não podemos esquecer, vivia um período de chamado transição para o regime democrático.

Já para Vargas Llosa, reescrever *Os Sertões*, e com isso recordar a história de Canudos significa como pontuamos acima, a retomada de uma problemática muito cara a história da própria América Latina, que é a questão da civilização\barbárie. Trazer esse tema retratado por Euclides no final do século XIX, para o início da década de 1980, é a tentativa de mostrar que esta questão não está superada e longe de ser resolvida na América Latina. Em outras palavras, assim como Moniz e Euclides da Cunha, o escritor de *A guerra do fim do mundo*, também tem motivações políticas ao retratar o episódio da Guerra de Canudos.

As críticas feitas por Moniz em relação à obra de Vargas Llosa, não se configuram como meramente historiográficas ou artísticas, pois, transcenderam estes aspectos e tornaram-se

²⁶ Ver PEREIRA, Raimundo. N.P. *História e Memória: algumas observações*. Site acessado http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf. Ultimo acesso 20\12\2012.

ideológica e política como o próprio Vargas Llosa afirmou. Um dos motivos que ajudaram nesta aversão a obra, *A guerra do fim do mundo*, diz respeito ao posicionamento político do escritor peruano. Vargas Llosa ficou caracterizado como um político liberal de direita, fortalecendo-se esta imagem, notadamente, quando o mesmo se candidatou as eleições presidenciais do Peru em 1990.

O próprio Moniz deixou escapar sua repulsa ao posicionamento político de Vargas Llosa, quando questionou, os motivos pelo qual o escritor peruano escolheu Canudos como tema de seu romance, a fim de segundo ele “denegrir o maior camponês do Brasil e a personalidade incomum de seu dirigente e condutor”. Moniz perguntou ainda, “*Por que preferiu reproduzir as falsidades existentes, em lugar de restaurar a verdade como se tem feito ultimamente?*”. E ele mesmo dar o seu parecer “*a resposta deve estar na sua própria posição ideológica e política*”.²⁷

Em outras palavras, um político vinculado ao pensamento liberal, estrangeiro, escrever sobre um tema tão brasileiro, de tanta importância política para os historiadores do Brasil da década de 1970-1980, e ainda por cima, a partir de uma perspectiva de ficção literária, mostrou-se como uma grande afronta a memória dos conselheristas, segundo alguns teóricos, especialmente os de vinculação marxista.

A discussão que estamos expondo até aqui se fundamenta em alguns pontos centrais: memória, verdade\mentira, história\ficção, e disputas políticas e ideológicas. Concluimos, entendendo que tanto *A guerra do fim do mundo*, como as obras de Moniz têm grande importância no resgate da memória de Canudos, e que o debate que ocorre, mostra mais uma vez como um mesmo fato histórico pode ser interpretado de várias maneiras, dependendo é lógico de quem se propõem a explicá-lo ou rememará-lo. Não podemos negligenciar, “*que a rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, (...) pois, não se trata apenas de não se esquecer do passado, mas de agir sobre o presente*”.²⁸

Como descrevemos ao longo do texto, Vargas Llosa, têm intenções políticas e ideológicas muito bem definidas, e que merecem um maior aprofundamento. Não se tratou simplesmente de escrever um romance por mera diversão, realização pessoal ou profissional, apesar de não podermos excluir, que essas motivações foram importantes, contudo, rememorar Antônio Conselheiro e Canudos como o fez Vargas Llosa através de seu romance tem variados significados, e na nossa hipótese, o principal deles, é retomar a questão da civilização e da

²⁷ Ver MONIZ, Edmundo. Encontros com a Civilização Brasileira. 1982, p.18.

²⁸ Ver GAGNEBIN, Jeanne M. Memória, história, testemunho. In: *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. NAXARA, Márcia Regina, BRESCIANI, Maria Stella (Orgs). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p.85-94.

barbárie, que também concordo muito importante para se entender a América Latina atual. Faz-se necessário, por exemplo, investigar com mais acuidade, como o movimento chamado Sendero Luminoso, foi percebido por Vargas Llosa, e se existe alguma relação da percepção desse grupo e a escrita de *A guerra do fim do mundo*.

Apesar das grandes diferenças ideológicas, políticas e mesmo estéticas, ao retratarem Canudos e o seu líder, percebidas nitidamente nos seus escritos, (e que não vamos aprofundar aqui por falta de espaço, e por não ser este o objetivo do artigo) tanto Moniz, como Vargas Llosa ampliam o significado de Canudos, e o colocam como algo representativo de uma realidade maior que perpassa as fronteiras brasileiras. Se por um lado, Vargas Llosa, enxerga Canudos como um mini-laboratório da história da América Latina, Moniz, em muitos de seus escritos faz questão de comparar o movimento de Antônio Conselheiro, ao de Emiliano Zapata no México, colocando Canudos como um dos maiores movimentos camponeses da América Latina.

Concordo com Vargas Llosa quando ele diz que existe uma grande dificuldade em conhecer a história da Guerra de Canudos na sua totalidade, devido às várias interpretações realizadas, mas, devemos nos lembrar, que isso não é uma exclusividade deste acontecimento, contudo, se configura como um “fantasma” que ronda e atemoriza quase todos os fatos históricos, e que não impossibilita os historiadores de conhecerem a verdade dos fatos, mesmo que seja de forma fragmentada. Mesmo com essas dificuldades impostas a Clio, assim como Carlo Ginzburg, acredito ser possível se chegar à verdade, mesmo que não seja de forma total, através dos rastros e sinais que a história deixa através das mais diversas e variadas formas (fontes).

FONTES

LIVROS

MONIZ, Edmundo. **Canudos**: a luta pela terra. São Paulo: Global, 2001.

SETTI, Ricardo A. **Conversas com Vargas Llosa**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VARGAS LLOSA, Mário. **A guerra do fim do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

REVISTA

Canudos renasce com “A Guerra do Fim Mundo”. Veja, São Paulo, n. 688, p. 84-92, 11 de nov. 1981.

MONIZ, Edmundo. **Canudos**: o suicídio literário de Vargas Llosa. Encontros com a Civilização Brasileira- n.29- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p.7-20.

VARGAS LLOSA, Mario. **La guerra de Canudos**: Historia y ficcion. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia- nº94 (jan-dez.), 1998- Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1998. p. 79-92.

JORNAIS

A Tarde, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

A Tarde, Salvador: 18 de Julho de 1982.

Bibliografia

BANDEIRA, Alberto Luiz Moniz. **O sentido social e o contexto político da Guerra de Canudos**. Site acessado www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/Moniz_05.pdf. Último acesso 20\12\2011.

BURKE, Peter. **Variedades de História cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FERNANDES, Rinaldo de. Os Sertões na leitura de Mario Vargas Llosa: Quatro personagens de La guerra del fin del mundo. In: **O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p.411-437.

FILHO, Joaquin Antônio de Novaes. **A reconstrução da memória de Canudos no romance realista-fantástico**. In: IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH\ BA, 4., 2009, Vitória da Conquista. Anais Eletrônicos... Vitória da Conquista: Edições Uesb\ ANPUH \BA, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUTIÉRREZ, Ângela. R. M. de. **Vargas Llosa e o romance possível da América Latina**. Fortaleza: Sette Letras, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne M. Memória, história, testemunho. In: **Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. NAXARA, Márcia Regina, BRESCIANI, Maria Stella (Orgs). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p.85-94.

LIMA, Luiz C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: a luta pela terra**. São Paulo: Global, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.